

# **Inglês**

## **reagem com cautela**

**JOSÉ CARLOS SANTANA**  
**Nosso correspondente**

**LONDRES** — Banqueiros britânicos disseram que o acordo preliminar alcançado entre o Brasil e os seus credores, na noite de sábado, em Nova York, é um fato "auspicioso", mas que "ainda é muito cedo para comemorações" porque os problemas que restam para a conclusão dos entendimentos só o governo brasileiro poderá resolver, não dependem mais da boa vontade dos bancos.

"Os bancos nada podem fazer e não ser ficar de longe, aguardando e torcendo para que o ministro Malfson da Nóbrega receba o apoio de que necessita das autoridades brasileiras", disse um banqueiro ao Estado, no final da tarde de ontem.

Diretores tanto do Midland Bank quanto do Lloyds Bank recusaram-se a comentar os termos do novo acordo, alegando que os relatórios ainda não haviam chegado de Nova York e que tudo o que sabiam a respeito dos entendimentos foi o que leram no Financial Times.

"Ainda é cedo para fazer qualquer comentário", disse John Groom, do Natwest, "mas as informações que recebemos é de que os progressos foram significativos. Isto é uma prova de que o Brasil está realmente interessado em resolver a situação".

O Financial Times deu a notícia do acordo no alto da primeira página, reproduzindo parte das declarações feitas pelo ministro da Fazenda do Brasil, na noite de sábado. O jornal britânico, especializado em economia e finanças, destaca o fato de o governo brasileiro ter concordado em liberar US\$ 700 milhões para pagamento de juros atrasados, observando que a quantia é superior à que se esperava.

O Financial Times também chama atenção para a importância da mudança de atitude do Brasil, porque ela significa que, ao contrário do que se temia, a crise da dívida externa dos países do Terceiro Mundo não escapou ao controle e pode perfeitamente ser manejada. Mas o otimismo na City de Londres é contido, especialmente porque, como disse um dos banqueiros, em conversa particular, "nem mesmo o ministro Malfson da Nóbrega parece saber até onde o governo brasileiro está disposto a chegar para a solução dos problemas financeiros internos".

"O acordo da semana passada não deixa de ser um passo importante, um rompimento do impasse", comentou ele, "mas agora os problemas voltam para as mãos do governo brasileiro".

Peter Belmont, diretor do Libby Bank, também ouvido pelo Estado, limitou-se a dizer que o acordo alcançado em Nova York, sábado, prova que "o Brasil é, realmente, o País mais pragmático do mundo", e que isto "é muito bom".